

Sobre os finais de análise: sexuação e invenção

Tania Coelho dos Santos

Resumo

Acredito que esta pesquisa sobre os finais de análise contribua para atualizar os princípios da direção da cura psicanalítica, retomando-os a partir dos impasses da sexuação. Isso é importante para orientar os praticantes da psicanálise aplicada sobre o que podemos esperar – sem abrir mão dos princípios dessa prática – no âmbito dos efeitos terapêuticos. Acredito que essa discussão contribua para renovar a controvérsia sobre a diferença estrutural entre a neurose e a psicose na contemporaneidade.

Unitermos

Finais de análise; inconsciente; pulsão; sexuação; invenção.

A pesquisa em psicanálise não se reduz à repetição dos clássicos, ao contrário do que muitos críticos de nosso método de trabalho costumam afirmar. Ela nos exige atualizar as ferramentas teóricas e a experiência clínica para enfrentar os efeitos do progresso das ciências: as novas configurações do mal-estar e do sofrimento psíquico na civilização. Para a atualização do nosso conhecimento, é preciso incorporar urgentemente as transformações epistemológicas do discurso da ciência. Parece um paradoxo mas, se o sujeito sobre o qual a psicanálise opera não pode ser senão o sujeito da ciência, essas mudanças têm efeitos muito importantes nas relações da pulsão com a civilização. Em particular, aquelas que são efeito da própria difusão do discurso analítico e da radicalização das ideologias individualistas, na medida em que contribuem para a absolutização do direito ao gozo, empobrecendo as obrigações que sedimentam os laços sociais. Elas se refletem nos impasses novos que o sujeito encontra para tomar seu lugar no campo da fala, pois são a consequência dos novos imperativos ordenadores da cultura, imperativos estes que impulsionam ao consumo, aos excessos e às satisfações excluídas do circuito da fala.

Novas modalidades de sintoma, com efeitos inusitados sobre o laço social, desafiam o ato analítico, requerendo a renovação do campo da interpretação e da formação do

psicanalista. Enfrentá-los, contornando o risco de rebaixar o campo do inconsciente – campo da fala e da linguagem - à comunicação intersubjetiva, nos exige avançar a pesquisa psicanalítica.

Precisamos compreender melhor como se estruturam esses novos sintomas pois, frequentemente, não sabemos dizer se são neuroses ou psicoses ou, até, se são novas neuroses e novas psicoses. Em consequência das mudanças na civilização, precisamos retomar os princípios da teoria e da prática psicanalítica para expandir as modalidades de tratamento, para subsidiar a psicanálise aplicada com fins terapêuticos em instituições de saúde, escolares e jurídicas. É preciso incentivar a pesquisa universitária sobre os princípios da prática psicanalítica, os finais de análise e a própria finalidade de uma análise, para que a universidade possa assumir o papel que ela deve ter na formação de psicanalistas e pesquisadores em teoria psicanalítica.

Em resposta a essas perguntas começamos por tomar como método fazer do vício virtude¹. Se a posição subjetiva dominante nos dias de hoje é a reivindicação de ser tratado como uma exceção² e, se o lugar do Outro na contemporaneidade oscila entre a impotência e a impossibilidade, a clínica psicanalítica precisa partir do caso à caso. É a consequência da precariedade dos universais, quando o simbólico é mais inconsistente e mais fragmentado e não temos mais certeza de que o Complexo de Édipo seja o sintoma coletivo. Não é suficiente classificar o sujeito como neurótico ou psicótico, de acordo com a presença ou a ausência do Nome do Pai. Muitas vezes, uma abordagem diagnóstica mais continuista, baseada na quantidade pulsional aponta que alguns sintomas neuróticos podem ser tão graves quanto outros tantos sintomas psicóticos. Na história do movimento psicanalítico, esses pacientes foram classificados como borderlines e tratados por meio da contratransferência como recurso técnico. O surgimento de uma teoria da técnica baseada na contratransferência, foi o índice de que alguns analistas, Wilhelm Reich em particular, já percebiam que a distinção entre neurose

e psicose não era muitas vezes tão nítida. Foi o sinal de que os poderes da interpretação do inconsciente como um retorno do recalcado, eram insuficientes diante das novas modalidades de sofrimento psíquico. O desejo do analista, conceito lacaniano, não é - ao contrário do que se costuma repetir - sem relações com a contratransferência. Mais além do inconsciente – que é estruturado como a linguagem - há um real da pulsão que é sem lei, em jogo na relação analítica. O desejo do analista, conceito lacaniano, foi fundamental para acolher a potência crítica, mas também superar a técnica de contratransferência³. Avançamos a nossa pesquisa em direção ao mais além do Édipo e do inconsciente, abordando o real sem lei da pulsão. Esse conceito descreve a inexistência da relação sexual com um estado de desacordo entre o saber e o gozo, que tem origem na diferença sexual e na dissimetria dos gozos feminino e masculino.

1) Uma nova abordagem dos limites da interpretação

Para tratar os novos sintomas, que muitas vezes parecem inclassificáveis - nem neuróticos, nem psicóticos - é preciso que a investigação psicanalítica não reduza o Nome do Pai, ao prisma exclusivo do Complexo de Édipo⁴. Em consequência da universalização dos direitos do homem e do progresso da ciência existe uma tendência ideológica muito poderosa na contemporaneidade à homogeneização dos sexos e das gerações. Essa ideologia, que nasceu com os movimentos sociais pela igualdade entre os sexos e as gerações, produziu nas décadas de 60/70, e produz ainda mais ativamente hoje, o desassolamento do homem contemporâneo, que resulta da confusão de referências identificatórias sexuais e geracionais.

O significante mestre, fundamento das identificações, vacila, apaga-se ou é rebaixado. O índice mais evidente dessa nova configuração de valores é a quase inexistência de homens excepcionais. No lugar dos grandes inventores, escritores, governantes, políticos e visionários, a cena pública exhibe hoje, sem nenhum pudor, uma grande quantidade de personagens

mediócras, de cultura de massa, de governantes impotentes, de políticos corruptos, de homens míopes e manipuladores⁵. Dificilmente, continuaremos a pensar a função do Nome do pai, por meio da força constituinte, da autoridade obscura, poética e infundada, do homem excepcional ou do texto sagrado. O declínio dos significantes sagrados e dissimétricos segue lado a lado com o esvaziamento do valor da transmissão da experiência entre as gerações⁶.

Não é apenas o declínio da diferença geracional que afeta o indivíduo contemporâneo de uma tendência à desidentificação. Também a desvalorização da diferença sexual tem efeitos de desregulação do corpo, do prazer e do gozo. O advento do discurso da ciência, apoiado na assunção de que todos os homens nascem livres e iguais, vem desenvolvendo uma concepção de ciência, baseada em evidências estatísticas que impõe várias modalidades de avaliação dos indivíduos de acordo com um padrão, ou um tipo de homem ou mulher médio. O efeito dessa nova mentalidade avaliadora e homogeneizante é o de nos levar a presumir que existe um homem ou mulher sem qualidades, o que desembocou na psicopatologia “*prêt à porter*” do DSM IV. No lugar da fina psicopatologia clássica, herdada da psiquiatria e desenvolvida pela psicanálise, temos uma nova literatura científica que se refere a sintomas que nos parecem ilegíveis, porque nascem com essa forma de recusa do inconsciente e da singularidade do sujeito⁷. A dúvida quanto ao diagnóstico é uma constante na prática atual. Como as psicoses são hoje muito menos delirantes, e podem ser estabilizadas por meio de psicoterapias e medicamentos, muitas vezes não se distinguem das formas novas da neurose. Também as neuroses são muito menos alimentadas pelo sentido. No lugar do recalque da sexualidade e das formações do inconsciente, verificamos o florescimento de novos sintomas ou novas identificações: compulsões, adições, pânico, depressões que dispensam o sentido pois alcançam a satisfação por meio de um objeto determinado. No lugar das grandes doenças do Outro consistente - neuroses, psicoses e perversões - temos doenças da mentalidade. Estas últimas se distinguem por uma precariedade simbólica, que alguns pesquisadores em

psicanálise acreditam ter relação com a fragilidade da metáfora paterna, mas que se manifestam como uma subjetividade carente de autonomia e responsabilidade.⁸

Como Jacques Lacan havia formulado no conhecido artigo “A ciência e a verdade”⁹, cabe à psicanálise reintroduzir na consideração científica o Nome do Pai. O declínio de toda autoridade simbólica na cultura recomenda que no lugar de buscar a função do Nome do Pai sob a forma do ideal, do indivíduo excepcional, rastremos os efeitos do complexo de castração, da diferença sexual e da dissimetria essencial entre a modalidade de gozo feminino e masculino. Desse modo, fui levada a reduzir a questão da função paterna ao seu núcleo mínimo: um homem que coloca uma mulher no lugar de objeto causa do seu desejo. Deixei de procurar sua autoridade obscura e infundada nos emblemas e brasões do pai idealizado. Essa estrutura mínima, o desejo de um homem por uma mulher, será ela suficiente para sustentar o fardo pesado da autoridade paterna na constituição do sujeito, e separar adequadamente meninos e meninas do desejo de suas mães?

2) A clínica do real sem lei

Partir de um mínimo estrutural, em tempos de desprezo generalizado pela estrutura e gosto acentuado por evidências estatísticas, exige ir além da alternativa entre presença e ausência do Nome do Pai. Admitimos que esse critério distintivo é essencial para diferenciar da neurose e da psicose, mas não é suficiente para esclarecer os casos inclassificáveis da clínica contemporânea. Seguindo a orientação sugerida pelos investigadores do Campo Freudiano, sob a coordenação de Jacques Alain Miller¹⁰, estudei a possibilidade de estruturar uma nova abordagem diagnóstica baseada no critério da quantidade pulsional. Uma clínica continuista, baseada no real da pulsão, que se acrescentaria à clínica estrutural clássica, baseada no Nome do Pai e no inconsciente¹¹. Ela nos remete mais diretamente àquilo que regula a angústia, o sofrimento psíquico, a invasão de gozo. No curso dessa elaboração fui

levada a reconsiderar o papel do complexo de castração na abordagem da questão do sintoma neurótico ou psicótico como modo de regulação ou de desregulação pulsional. Justamente nesse ponto, fui obrigada a reconhecer que: porque o gozo não se reduz ao sentido, o homem e a mulher não podem ser reduzidos ao “sujeito do significante”, nem a particularidade do seu desejo pode ser homogeneizada sob a fórmula do fantasma unisex: $\$ \langle \rangle a$ ¹². Acredito que na neurose, bem como na psicose, o sintoma que regula o gozo é diferente conforme o sexo.¹³

Comecei a testar a hipótese de que a diferença estrutural entre neurose e psicose, não é um critério suficiente para classificar e tratar o sofrimento psíquico. É preciso reintroduzir a diferença entre os modos de regulação do real pulsional de homens e mulheres. A regulação fálica, própria ao sexo masculino, é muito diferente da desregulação erotomaniaca, própria ao gozo feminino. Na psicose, observamos muitas vezes um “empuxo à mulher”. Entretanto, o excesso pulsional e a desregulação numa mulher não são necessariamente psicoses. Em tempos de declínio da função paterna é preciso ter em conta a dissimetria dos modos de gozo masculino e feminino. Passei então a refazer o percurso do conceito de complexo de castração em Freud¹⁴. Destaquei as linhas principais da constituição do sujeito menino e menina, diante da diferença sexual¹⁵. Em particular sua consideração acerca das diferenças entre suas atitudes diante do complexo de castração, a entrada e também a saída do Édipo em meninos e meninas. Recordo os pontos essenciais. O temor de ser castrado leva o menino a sair do Édipo. A menina entra no Édipo em consequência sentimento de injúria narcísica, por não ter sido contemplada pela mãe com a posse do pênis.¹⁶ Retomei, à luz dos seminários de Lacan, a importância distintiva do pai para um e para o outro sexo. Ele é o agente imaginário da castração para o menino, que interdita o objeto incestuoso e que se reduz a um traço na identificação constitutiva do supereu. Para a menina ele é aquele que tem o pênis e pode dá-lo, bem como pode dar um filho como substituto do falo que ela não tem. Diferentemente do menino, o pai não interdita propriamente o objeto incestuoso, nem se faz um traço de

identificação no caso das meninas¹⁷. Pude renovar o sentido, tantas vezes mal interpretado, da afirmação freudiana de que as mulheres não têm um supereu “tão inexorável, tão impessoal e tão independente de suas origens emocionais como exigemos que o seja nos homens”¹⁸ Essa dupla matriz ganha toda sua importância quando se trata de avaliar os resultados de uma análise. O rochedo da castração, gira em torno do destino dos restos das relações com o mesmo sexo, que Freud chamou de repúdio da feminilidade. Os homens temem a castração, e por essa razão temem submeter-se a um outro homem. As mulheres, aferram-se à reivindicação do falo, como defesa contra os resíduos de suas relações libidinais arcaicas com sua mãe¹⁹. O repúdio da feminilidade, para um e para o outro sexo ou, dito de outro modo - a sexuação como homem ou como mulher - é o resto irreduzível de uma análise.²⁰ Avanço a seguinte tese: a psicologia de cada um, seu caráter em conformidade com seu sexo, é o rochedo da castração. O caráter diversamente sexuado é a expressão mais precisa do conceito de pulsão, na fronteira entre o somático e o psíquico. O caráter é um acontecimento provocado pela incorporação do significante da identificação a um corpo anatomicamente sexuado. Somente a incorporação do significante, homem ou mulher, permite ao ser humanizado pela linguagem alcançar sua sexualidade enquanto psíquica, que é tão somente um sintoma. É sobre esse terreno real da pulsão que as elucubrações fantasmáticas do inconsciente vêm se assentar. É preciso, para compreender melhor os transtornos da sexuação, referir-se à diferença entre o real e o inconsciente.

Efetuei um percurso nas formulações lacanianas sobre a diferença entre os sexos²¹. Verifiquei que no seu esforço de significantização do complexo de Édipo e, na intenção de elevar o mito edípico à dignidade da estrutura, esse psicanalista promoveu durante alguns anos de sua elaboração, uma teoria da constituição do sujeito relativamente indiferente à diferença sexual. O axioma: “o sujeito, é o que um significante representa para um outro significante”, que é quase um refrão do ensino laciano, não nos exige saber se o sujeito do

significante é um homem ou uma mulher. As virtudes econômicas dessa formalização tenderam a reduzir as diferenças imaginárias entre os sexos - em particular as anatômicas - à diferença simbólica entre dois significantes. O que vem a ser um homem ou uma mulher? Quando se trata tão somente de significantes, parece que a o sexo anatômico não é o aspecto mais relevante em jogo e sim a pura nomeação²².

Ao acentuar a distinção entre a pulsão e o instinto, a transmissão do ensino de Lacan enfatizou a tese de que a pulsão não tem objeto, destacando o valor enigmático do desejo sexual. No fantasma inconsciente, são os objetos parciais que servem às finalidades de satisfação pulsional. Essa ferramenta conceitual ressaltou demasiadamente a idéia de que a sexualidade é autoerótica, e completamente desligada das finalidades naturais da biologia. Essa tendência foi reforçada pela formalização da fantasia inconsciente. A fórmula do fantasma, $\$ \langle \rangle a$, implica que consideremos que todo sujeito é sujeito do significante identificado ao traço paterno ideal e que deseja um objeto parcial, resto do gozo não significantizado²³. A fórmula é unisex e o objeto do gozo fantasmático é autoerótico. Como explicar então a orientação de um sexo em direção ao outro? Como é que se dá, uma vez que se parte do fantasma autoerótico e unisex, o encontro do parceiro heterossexuado e a cópula?²⁴

As leituras da sexuação, ensejadas pelo seu Seminário XX “Mais, ainda”²⁵ aprofundaram a redução do sexo anatômico às suas consequências psíquicas²⁶. As fórmulas da sexuação promovem uma teorização do funcionamento psíquico masculino e feminino, como suplências da relação sexual que não há. Mais uma vez, a transmissão do ensino de Lacan nos levou a acreditar que qualquer indivíduo poderia, idealmente, situar-se do lado masculino ou feminino da tábua da sexuação. O que é feito da diferença anatômica entre os sexos? Minha hipótese é a seguinte: o fato de que na psicose masculina existe frequentemente um empuxo no sentido de encarnar e fazer existir “A Mulher” absoluta, levou um grande número de pesquisadores a acreditar que essa posição subjetiva comprovaria que o sexo anatômico é

independente do sexo psíquico. Essa interpretação da teoria psicanalítica separaria radicalmente Lacan de Freud. Uma outra evidência abusivamente utilizada em apoio da dissociação entre sexo anatômico e sexo psíquico, é o fato de que algumas mulheres históricas exibem teatralmente uma certa virilidade, resultado de uma identificação com o homem. Ambas as evidências contribuíram para apagar as marcas do exame delicado que Freud perseguiu das consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos.

Recentemente, Jacques Alain Miller esforçou-se para desenvolver uma tese acerca da biologia em jogo na obra de Lacan. Destacou em particular a idéia de que o sintoma é um acontecimento significativo de corpo²⁷. Acredito que em sua abordagem da sexuação ele privilegia o sintoma. Seria preciso deslocar a questão da sexuação do campo do efeitos do complexo de castração, do Édipo e da função paterna, para o campo mais precoce da incidência da língua. Antes mesmo que um ser falante, compareça como acontecimento significativo de corpo, ele é falado pelo Outro materno. Uma das primeiras marcas que uma criança recebe é a designação rígida como menino ou menina. Concluo que é graças às marcas precoces desta nomeação primeira que alguém pode reconhecer, ou não, que sua anatomia é seu destino.

Em seu artigo, “A partilha sexual”²⁸, Miller nos apresenta toda uma tipologia do caráter masculino e feminino, bastante subversiva das representações tradicionais dos gêneros. Desenvolve, conforme os efeitos de uma lógica opositiva entre o ter e o não ter, a psicologia essencialmente prudente própria ao masculino. Avança, por outro lado, aquilo que é próprio às mulheres, a posição destemida e a tendência a afrontar aquele que pretende ocupar o lugar do mestre, lugar de exceção. O que explica essa vocação feminina para a confrontação é, conforme ele ños propõe, o fato de que não têm nada a perder. Quem não tem nada a perder, também não se submete à regulação fálica. Penso que essa tipologia é extremante útil para compreender a diferença essencial entre os sintomas masculinos e

femininos. Ela surge da dissimetria essencial entre o modo de gozo feminino (excesso sem lei) e masculino (lei fálica). O homem, identificado ao pai como exceção (\$), deseja a mulher como objeto a, causa do seu desejo. As mulheres, por sua vez, procuram no homem a conjunção falo/pênis, que lhes proporciona um certo efeito de identificação e de regulação do excesso pulsional. Entretanto, isso não é tudo. Tal como Freud, Lacan reconhece que o continente negro da feminilidade não é o mesmo que a sexualidade feminina. A feminilidade, ele a formaliza por meio do matema S (A barrado), que designa o gozo feminino com a fala enquanto tal. Do seu parceiro ela espera que ele fale, que ele lhe enderece palavras de amor. O impasse entre os sexos, nasce dessa dissimetria entre o gozo sexual feminino e masculino. O gozo da mulher é tecido no discurso amoroso, enquanto que o homem aborda silenciosamente seu objeto fantasmático²⁹.

Penso que as consequências mais férteis dessa formalização se destacam em seu Seminário inédito RSI (1975/76), quando ele redefine a função paterna reduzindo-a ao seu osso: a escolha que faz um homem de uma mulher em particular como objeto do seu desejo³⁰. Uma mulher precisa consentir em fazer semblante desse objeto causa do desejo de um homem. No seminário seguinte, intitulado *Le Sinthome*³¹, ele desenvolve uma nova ética, a da responsabilidade sexual. Uma mulher é para um homem, um *sinthoma*. Um homem, é para uma mulher, pior que um sintoma, uma aflição.

3) Do Nome do Pai ao real sem lei: sexuação e invenção

Com base nessa breve revisão das minhas principais considerações teóricas atuais, situo algumas questões a serem mais profundamente investigadas. Acredito que essa pesquisa sobre os finais de análise, privilegiando a comparação entre homens e mulheres, contribua para atualizar os “princípios da direção da cura psicanalítica”, retomando-os a partir dos impasses da sexuação. Isso é importante para orientar os praticantes da psicanálise aplicada

sobre o que podemos esperar (sem abrir mão dos princípios dessa prática) no âmbito dos efeitos terapêuticos. Acredito que essa discussão contribua para renovar a controvérsia sobre a diferença entre a neurose e a psicose na contemporaneidade.

A antiga grafia da palavra sintoma – *sinthoma* - vem aqui designar o que ele tem de mais essencial, seu osso. É em torno dessa diferença de grafia que vou desenvolver as novas etapas da minha pesquisa. De acordo com a tradição freudiana os sintomas de um sujeito masculino são os resíduos das fixações autoeróticas e o índice da não dissolução do Complexo de Édipo. O *sinthoma* é outra coisa. Como Lacan precisou, uma mulher é para um homem, um *sinthoma*³². Uma mulher é o *sinthoma* de um homem, eu interpreto assim: porque ela localiza para ele o excesso da pulsão de morte. Uma mulher encarna, para um homem, o real sem lei da pulsão. Quero investigar mais detidamente, as raízes da posição sexuada masculina em suas relações com o Nome do Pai. Em particular, trata-se de averiguar o laço entre a identificação (S1) e as modalidades de escolha da parceira, com base no objeto ^a . Dada a estrutura normal do desejo fetichista masculino, como se traça a via que leva à paternidade para cada um? É preciso renovar a distinção entre a posição sexuada masculina da neurose obsessiva, uma vez que na tradição da clínica lacaniana, alguns psicanalistas, tendem a reduzir um ao outro.

Freud distinguia a sexualidade feminina (*Weiblich sexualität*) e a feminilidade (*Weiblichkeit*). Ela nos serve de princípio para distinguir os sintomas femininos, do *sinthoma* masculino? Haverá do lado da mulher um *sinthoma*? Segundo Lacan, “um homem é para uma mulher pior que um sintoma, uma aflição.”³³ Do lado feminino haverá sintoma e/ou *sinhtoma*?

Através do estudo dos relatos de final de análise³⁴, venho tentando desdobrar as modalidades do consentimento feminino à posição de objeto do desejo de um homem³⁵. Como uma mulher se acomoda no fantasma masculino? Em que medida, essa acomodação ao

fantasma de um homem, é reveladora do famoso continente negro da feminilidade, ou das obscuras relações primitivas de uma menina com sua mãe? Será que um homem sempre precisa fazer um certo cálculo sobre as relações de uma mulher com sua mãe, para levá-la a consentir em encarnar o que para ele é um objeto a?³⁶ Por outro lado, uma mulher precisa, segundo Lacan, localizar no corpo do homem o significante do seu desejo³⁷. Isso é suficiente para localizar o real sem lei do gozo feminino? Existe conjunção ou disjunção entre a relação de uma mulher a S (A barrado) - o discurso amoroso - e ao falo? Como distinguir os efeitos terapêuticos pacificantes de um final de análise propriamente dito com respeito a esse ponto?

A palavra *sinthoma* é utilizada, no seminário XXIII, com outro sentido ainda, quando Lacan se refere aos efeitos de uma análise. A hipótese do inconsciente, ele esclarece, não é nada mais que o efeito da crença em Deus, no Nome do Pai. Ela é correlativa da suposição de saber ao Real. Ainda de acordo com Lacan nesse mesmo seminário, podemos “prescindir do Nome do Pai, à condição de sabermos nos servir dele”³⁸ Como exemplo desse ultrapassamento, ele apresenta a invenção do Real, isto é, seu próprio *sinthoma*. O Real é o nome que Lacan inventa para o campo da pulsão de morte, afastando-se por meio da invenção de uma nova escrita borromeana da pulsão, da energética freudiana. Esse passo metapsicológico não poderei esclarecer neste artigo. O que significa, entretanto, esse outro uso da palavra *sinthoma*, que designaria um passo no sentido de prescindir, sabendo se servir do Nome do Pai?³⁹ Será que a invenção de uma escrita é sempre o caminho masculino para separar-se da submissão a um outro homem? É o modo masculino de tratar o repúdio da feminilidade? Será que Lacan nos apresenta - por meio de seu próprio caso, ao final de sua própria análise – o advento da invenção como um ultrapassamento masculino da ameaça de castração?

Finalmente, Lacan define o analista como um *sinthoma*, como se articulam então, ao final da análise, a sexuação e a invenção, para homens e mulheres? Deveríamos designar pelo

artigo definido, o psicanalista e a psicanalista? Que lições podemos retirar desse esforço lacaniano de circunscrever e nomear a pulsão de morte e o incurável no final das análises para repensar as estruturas, as construções e o tratamento possível da psicose?

Referências Bibliográficas

COELHO DOS SANTOS, Tania *Quem precisa de análise hoje?* Bertrand Brasil, SP, 2001.

COELHO DOS SANTOS, Tania Le sacré dans la modernité, dans la gauche e dans la pratique lacanienne, in: *Lettre mensuelle de l'École de la Cause Freudienne*, 223, p. 1-32, Paris/França, v. 2004

COELHO DOS SANTOS, Tania A prática lacaniana na civilização sem bússola, in: COELHO DOS SANTOS, Tania (org.) *Efeitos terapêuticos na psicanálise aplicada*, Rio de Janeiro, Contracapa Eds., 2005

COELHO DOS SANTOS, Tania A psicopatologia psicanalítica em Freud à Lacan, in: *Pulsional Revista de Psicanálise*, pags. 74-81, São Paulo, v. XVIII, n. 183, 2005

COELHO DOS SANTOS, Tania e Freitas, Rachel Amin, A escuta analítica no espaço público, in: *Revista Mal-estar e subjetividade*, volume V, número 2, pags 246-260, setembro de 2005

COELHO DOS SANTOS, Tania e Moraes de Azeredo, Fábio, Um tipo excepcional de caráter, in: *Pysché, Revista de Psicanálise*, volume V, Ano IX , pags 77-96, dezembro de 2005

COELHO DOS SANTOS, Tania Sinthoma e sexuação: insígnia ou caráter?, in: *Latusa Revista de Psicanálise da EBP/RJ*, pags. 37-53, 2005

COELHO DOS SANTOS, Tania et al. Se todo gordo é feliz, a obesidade é um sintoma ou uma solução? in: Bastos, Angélica (org.) *Psicanalisar hoje*, Rio de Janeiro, Contracapa, (no prelo)

COELHO DOS SANTOS, Tania Por l'ex-sistencia de un significante nuevo! in: *Revista Acheronta* numero 21, Argentina 2005, www.acheronta.org.ar

COELHO DOS SANTOS, Tania *Sinthoma: corpo e laço social*, Rio de Janeiro, Ed. Sefhora/UFRJ, 2005

COELHO DOS SANTOS, Tania O psicanalista é um sinthoma, in: *Latusa Revista da EBP/RJ*, pags. 57-72, 2006, Rio de Janeiro, numero 11, 2005

COELHO DOS SANTOS, Tania Não se pode amar e ser feliz ao mesmo tempo? in: *Anais do XII Encontro do Campo Freudiano*, pags. 241-243, Belo Horizonte, novembro de 2006

- Freud, Sigmund (1923) A organização genital da libido in: Obras Completas, Rio de Janeiro, Imago, 1977 volume XIX
- Freud, Sigmund (1925) As consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos, in: Obras Completas, Rio de Janeiro, Imago, 1977, vol. XIX
- Freud, Sigmund (1924) A dissolução do complexo de Édipo in Obras Completas, Rio de Janeiro, Imago, 1977, vol.XIX
- Freud, Sigmund (1931) Sexualidade Feminina, in: Obras Completas, Rio de Janeiro, Imago, 1977, vol.XXI
- Freud, Sigmund (1933) Feminilidade in: Obras Completas, Rio e Janeiro, Imago, 1977, vol. XXII
- Freud, Sigmund (1937) A análise terminável e interminável in: Obras Completas, Rio de Janeiro, Imago, 1977, vol. XXIII
- Lacan, Jaques (1964) *Le Seminaire Livre XI Les quatre concepts fondamentaux de la psychanalyse*, Paris, Editions du Seuil, 1973
- Lacan, Jacques (1972/73) *Le Seminaire XX, Encore*, Paris, Editions du Seuil, 1975
- Lacan, Jacques (1974/75) *Seminário XXII, RSI*, inédito
- Lacan, Jacques (1975/76) *Le Seminaire XXIII Le Sinthome*, Paris, Éditions du Seuil, Paris, 2005
- Lacan, Jacques *Écrits*, Paris, Éditions du Seuil, 1966
- Lacan, Jacques *Autres Écrits*, Paris, Éditions du Seuil, 2001
- Lacan, Jacques(1962/63) *Le Seminaire XL L'Angoisse*, Paris, Editions du. Seuil, 2004
- Lacan, Jacque *Le Seminaire Livre XVI D'un Autre à l'autre*, Paris, Éditions du Seuil, 2006
- Lacan, Jacques (1969/70) *Le Seminaire XVII, L'envers de la psychanalyse*, Paris, Éditions du. Seuil, 1991
- Lacan, Jacques (1955/56) *Le Seminaire Livre III, Les Psychoses*, Paris, Editions du. Seuil, 1981
- Miller, Jacques-Alain Biologie lacanienne et événement de corps in: *La cause freudienne*, Paris, numero 47, pags. 7-60, Navarin, Fevrier 2000
- Miller, Jacques-Alain Un répartitoire sexuel in; *La Cause freudienne*, Paris, numero 40, pags. 7-28, , Paris, Navarin, 1999
- Miller, Jacaues-Alain A era do homem sem qualidades in: *aSEPHallus, Revista do Núcleo Sephora de Pesquisa* numero 1, www.nucleosephora.com/asephallus

Miller, Jacques-Alain et alli *La conversation d'Arcachon: les inclassables de la clinique*, Paris, Collection Agalma, Le Seuil, 1997

Miller, Jacques Alain et alli, *La psychose ordinaire, La convention d'Antibes* De Georges, Phillipe (org.), Paris, Collection Agalma, Le Seuil, 1999

Miller, Jacques-Alain Le dernier enseignement de Lacan, in: *Revue de La Cause Freudienne*, Paris, numero 51, pags. 7-34, Navarin, mai 2002

Miller, Jacques-Alain L'ex-sistence in: *Revue La Cause Freudienne*, Paris, numero 50, pags. 7-25, Navarin, Février 2002

Miller, Jacques-Alain Le réel est sans loi in: *Revue La Cause Freudienne*, Paris, número 49, pags. 7-20, Navarin, novembre 2001

Miller, Jacques-Alain Psychanalyse pure, psychanalyse appliquée et psychothérapie in: *Revue La Cause Freudienne*. Paris, Numero 46, pags. 7-36, mai 2001

Miller, Jacques-Alain Quand les semblants vacillent, in: *Revue La Cause Freudienne*, Paris, numero 47, pags. 7-18, mars 2001

Miller, Jacques Alain Les six paradigmes de la jouissance, in: *Revue La Cause Freudienne*, Paris, número 43, pags. 7-32, octobre 1999

Miller, Jacques Alain et al *El Outro que no existe y sus comités de ética*, Barcelona, Paidós, 2005

Miller, Jacques- Alain *Los signos del goce*, Barcelona, Paidós, 1999

About the End of Analysis: Sexuality and Invention

Abstract

I believe that this research on the ends of analysis, will be usefull to update the principles of the psychoanalytical treatment, by reconnecting them with the sexuality impeachments. This patch is a very important guide to the practicers of applied psychoanalysis, on the therapeutics effects they may expect, by preserving their princips. I hope this discussion will renew the controverse on structural differences between neurosis and psychosis in our days.

Keywords

Ends of analysis; unconcious; drives; sexuality; invention.

Tania Coelho dos Santos

Professora Associada do Programa de Pós-graduação em Teoria Psicanalítica (UFRJ); Doutora em Psicologia Clínica (PUC-RJ); Pós-Doc no Département de Psychanalyse (Paris VIII); Membro da Escola Brasileira de Psicanálise e da Associação Mundial de Psicanálise.

Rua Professor Júlio Lohman, 430 – 22611-170 – Bairro do Joá – Rio de Janeiro-RJ, Telefone 24936306 e-mail: taniacs@openlink.com.br

recebido em 23/04/07

- ¹ COELHO DOS SANTOS, Tania O que não tem remédio, remediado está!, in: **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, São Paulo, vol VII, número 1, pags. 63-74, março de 2004
- ² COELHO DOS SANTOS, Tania e AZEREDO, Fabio André., in: Um tipo excepcional de caráter in: **Psychê Revista de Psicanálise, São Paulo**, V, Ano IX, pag. 77-96, dezembro de 2005 e COELHO DOS SANTOS, Tania e FREITAS, R.A ., in: A escuta analítica no espaço público, **Revista Mal estar e subjetividade**, Fortaleza, vol. 5, pags. 246-260, junho de 2005
- ³ COELHO DOS SANTOS, Tania (2004) op. cit. pags. 68-71
- ⁴ COELHO DOS SANTOS, Tania A prática lacaniana na civilização sem bússola in: COELHO DOS SANTOS, Tania (org.) **Efeitos terapêuticos na psicanálise aplicada**, Rio de Janeiro, pags. 61-92, Contracapa Eds., 2005,
- ⁵ MILLER, Jacques Alain **Le neveu de Lacan**, Paris, Ed. Verdier, 2003
- ⁶ COELHO DOS SANTOS, Tania Le sacré dans la modernité, dans la gauche e dans la pratique lacanienne, in: **Lettre mensuelle de l'École de la Cause Freudienne**, Paris, v. 223, p. 1-32, 2004
- ⁷ MILLER, Jacques Alain A era do homem sem qualidades, in: **aSEPHallus, revista do Núcleo Sephora de Pesquisa** numero 1, www.nucleosephora.com/asephallus
- ⁸ COELHO DOS SANTOS, Tania , in: A psicopatologia psicanalítica em Freud à Lacan, **Pulsional Revista de Psicanálise**, São Paulo, v. XVIII, n. 183, pags. 74-81, 2005
- ⁹ LACAN, Jacques (1965/1966) La science et la verité in: **Écrits**, Paris, Éditions du Seuil, pags. 855-878, 1966
- ¹⁰ MILLER, Jacques Alain. **La conversation d'Arcachon: les inclassables de la clinique**, Paris, Collection Agalma, Le Seuil, 1997
- ¹¹ MILLER , Jacques . Alain et alli, **La psychose ordinaire, la convention d'Antibes**, Paris, Collection Agalma, Le Seuil, 1999
- ¹² COELHO DOS SANTOS, Tania, Sinthoma e sexuação: insígnia ou caráter?, in: **Latusa Revista de Psicanálise da EBP**, Rio de Janeiro, numero 10, pags 37-53, 2005
- ¹³ COELHO DOS SANTOS, Tania et al. Se todo gordo é feliz, a obesidade é um sintoma ou uma solução?, in: Bastos, Angélica (org.) **Psicanalisar hoje**, Rio de Janeiro, Contracapa, (no prelo)
- ¹⁴ FREUD, Sigmund (1923) A organização genital da libido, in: Obras Completas, Rio de Janeiro, Imago, 1977, volume XIX, pags.177-186
- ¹⁵ FREUD, Sigmund (1925) As consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos, Obras Completas, Rio de Janeiro, Imago, 1977, volume XIX, pags. 303-322
- ¹⁶ FREUD, Sigmund. (1924) A dissolução do complexo de Édipo, in: Obras Completas, Rio de Janeiro, Imago, 1977, volume XIX, pags. 215-226
- ¹⁷ FREUD, Sigmund (1931) Sexualidade Feminina in: Obras Completas, Rio de Janeiro, Imago, 1977, volume XXI, pags. 257-281
- ¹⁸ FREUD, Sigmund (1925) op. cit. pags. 319-320
- ¹⁹ FREUD, Sigmund. (1933) Feminilidade in: Obras Completas, Rio de Janeiro, Imago, 1977, volume XXII, pags. 139-165
- ²⁰ FREUD, Sigmund. (1937) A análise terminável e interminável in: Obras Completas., Rio de Janeiro, Imago, 1977, volume XXIII, pags. 239-287
- ²¹ COELHO DOS SANTOS, Tania Sinthoma: corpo e laço social, Rio de Janeiro, Ed. Sephora, 2006 pgs. 65-117
- ²² FREUD, SIGMUND (1937) pags.117-143

-
- ²³ LACAN, Jacques (1964) *Le Seminaire Livre XI Les quatre concepts fondamentaux de la psychanalyse*, Paris, Ed. Seuil, 1973
- ²⁴ Freud, (1937) op.cit. pags. 143-165
- ²⁵ LACAN, Jacques (1972/73) *Le Seminaire XX, Encore*, Paris, Ed. Du Seuil, 1975, pags. 73-82
- ²⁶ COELHO DOS SANTOS, Tania A redução do sexo anatómico às suas consequências psíquicas, Editorial de **aSEPHallus, Revista do Núcleo Sephora de Pesquisa**, numero 2, www.nucleosephora.com/asephallus
- ²⁷ MILLER, Jacques Alain, *Biologie lacanienne et événement de corps* in: **La Cause Freudienne**, Paris, numero 47, pags. 7-60, Navarin, 2000
- ²⁸ MILLER, Jacques Alain, *Un répartition sexuelle* in; **La Cause Freudienne**, Paris, numero 40, pags. 7-28, Navarin, 1999
- ²⁹ LACAN, Jacques (1973) op. cit., pags. 73-82
- ³⁰ COELHO DOS SANTOS, Tania O psicanalista é um sinthoma, in: **Latusa, Revista da EBP**, Rio de Janeiro, numero 11, pags. 57-72, 2006
- ³¹ LACAN, Jacques (1975/76) **Le Seminaire XXIII, Le Sinthome**, Paris, Le Seuil, 2005, pag. 101
- ³² LACAN, Jacques (2005), op. cit. pag 101
- ³³ Lcan, J. (2005) op. cit. pag. 101
- ³⁴ COELHO DOS SANTOS, Tania (2006) op. cit. , pags. 57-72
- ³⁵ COELHO DOS SANTOS, Tania Não se pode amar e ser feliz ao mesmo tempo? in: **Os Nomes do Amor, Anais do XII Encontro do Campo Freudiano**, Belo Horizonte, pags. 241-243, novembro de 2006
- ³⁶ Laurent, D. O sujeito e seus parceiros libinais: do fantasma ao sintoma in: **aSEPHallus, Revista do Núcleo Sephora**, numero 2, www.nucleosephora.com/asephallus
- ³⁷ LACAN, Jacques (1958) *La signification du phallus* in: **Écrits**, Paris, pags. 685-696, Seuil, 1966
- ³⁸ LACAN, Jacques (2005) op. cit. pag. 136
- ³⁹ COELHO DOS SANTOS, Tania Por l'ex-sistencia de un significante nuevo! In: *Revista Acheronta* numero 21, Argentina, www.acheronta.org.ar